

ÁUDIO 14 PARTE 2

Entrevistador 1: mas não tem interesse... o projeto ele tem que encaixar dentro de um molde, de uma lógica que é deles...

Entrevistado 1: aí eu fiz um projeto aqui pelo... pelo estado... eu fiz um projeto... nunca mais... o que eu ganhei não compensou todo o gasto... o que eles exigiram dos relatórios tinha que inventar coisa... e era só um projeto de histórias pomeranas, histórias orais... o que vai dar de impacto social? o projeto foi o segundo melhor projeto do estado e no final, eles reprovaram uma vez, reprovaram duas vezes... porque cadê... tipo assim... o impacto social... simplesmente você vai lá dá uma palestra nas escolas sobre a história de antigamente... acabou... você falou, você aprendeu...

Entrevistador 1: ce não imprimiu nada?

Entrevistado 1: imprimi

Entrevistador 1: teve livros?

Entrevistado 1: não, não teve livro... foi um ano de pesquisa de histórias orais do lugar... só que o resultado... fui escrever o resultado... não, isso aqui não serve... e aí eu quase entrei como se tivesse que pagar o projeto todinho... desembolsar 20 mil...

Entrevistador 1: é porque tem umas palavrinhas chaves...

Entrevistado 1: é... o impacto social...

Entrevistador 1: é isso é só dizer isso

Entrevistado 1: tem que mentir bastante, inventar...

Entrevistador 1: você faz seu projeto, se diverte, ama seu projeto e escreve um bobagem pra eles ficarem satisfeitos...

Entrevistado 1: porque se você faz uma pesquisa sobre vacina... vai ter um impacto... tudo bem, na área de saúde é outra coisa... tudo bem, agora nessa área de literatura de línguas... não tem grandes... as pessoas não vão querer grandes...

Entrevistador 1: a gente usa uma coisa assim... argumento de projeto... vai valorizar, vai desenvolver a identidade... são essas frases assim ... elas resolvem o problema...

Entrevistado 1: é...

Entrevistador 1: ce tem que vender o seu... depois prestar contas, continuando vendendo o projeto, né...

Entrevistado 1: eu tava procurando as fotos aqui lá do coisa... não to achando

Entrevistador 1: de sua autoria você tem o dicionário, esses livros de apoio, aí você produziu mais alguma coisa? livro?

Entrevistado 1: não.... na verdade a maioria não escreve livros, né... eu tenho esse livro aqui... que chama “Pomerânia aqui” que eu pretendo... eh... eu acho que não vai ser aprovado até porque vai ficar muito caro... eu tenho muitas coisas coloridas... eu sou incapaz de colocar isso em preto e branco... isso aqui em preto e branco não dá... isso aqui tudo bem... isso aqui foi a imagem do bispo que...

Entrevistador 1: uma coisa que você pode fazer pra diminuir o preço... fazer uma ponte... ‘observar a figura tal’ e aí no meio do livro você faz um capítulo... porque aí isso diminui...

Entrevistado 1: é só que esse livro ele é didático, então perde isso... porque ele tá falando dos pomeranos... 10124, os pomeranos foram cristianizados aí tem a foto lá... aí ce perde...

Entrevistador 1: quantos exemplares foram do dicionário?

Entrevistado 1: poucos, 1.300... fora... eu não sei se eles fizeram mais... talvez eles fizeram e não falaram nada... foi muita coisa pra Brasília

Entrevistador 1: ce ainda tem pra vender ou não?

Entrevistado 1: não... os dicionários eu tinha 200... mais ou menos 1100 foram doados né... pra escolas e tudo mais... eu acho que em 2008, por aí... esgotou... mas não é interessante não... o que eu fiz depois teve... ele ganhou, mais ou menos, 400 páginas a

mais e fora a ... ele precisa só de uma... revisão... da língua portuguesa... a frase ficou meio assim...

Entrevistador 1: você já tem ele revisado, então?

Entrevistado 1: por mim... faltaria então a revisão português...

Entrevistador 1: sempre tem que ter outra pessoa pra ler...

Entrevistado 1: por exemplo o u tremado, né... aí ce consegue, né... encontra o u e aí você vai passando todas as palavras que tem... aí eu consegui... consegui com oi, com e... essas palavras estão não tem acentuação... e uma pessoa com outros olhos tem que ler isso... o dicionário é mais ou menos isso... tem todas as áreas possíveis... informações de música... com é que (inint 1:37:39) em pomerano...aí tem em (inint 1:37:44), inglês, alemão e sueco também...

Entrevistador 1: e não pensa em fazer português pomerano?

Entrevistado 1: penso... aí tem que ter a equipe...tem que ter um projeto... porque eu tentei fazer... mas é muita coisa, você não consegue... você tem que ter equipe pra isso... eu já a fiz a conta de quantos anos eu gastaria pra fazer português pomerano

Entrevistador 1: ce terminou seu doutorado em 2005?

Entrevistado 1: isso...

Entrevistador 1: agora você não consegue um pós doutorado pela CAPES e conseguir formar uma equipe pra fazer isso não?

Entrevistado 1: porque não vale muito como título, vale mais como pesquisa né...

Entrevistador 1: exatamente... que aí você vai ter estagiário de letras pra poder trabalhar e fazer isso e te ajudar...

Entrevistado 1: o mal da (inint 1:39:55) é que não tem letras... tem que ter letras...

Entrevistador 1: porque se tivesse ia ser bem mais fácil

Entrevistado 1: porque o pessoal de pedagogia não consegue... não é área deles

Entrevistador 1: não dá mesmo...

Entrevistado 1: no Congresso Nacional as pessoas que mais votam contra as línguas indígenas.. contra as línguas em (inint 1:41:05) é esses... são esses estados que não receberam imigrantes... Minas, Nordeste... a posição deles é sempre reticente...

Entrevistador 1: uma bobagem porque Minas tem muito indígena e tem várias línguas indígenas... e tem projeto...

Entrevistado 1: mas no congresso é isso aí... ... quando fiz especialização na (inint 1:42:30) eu fiz um trabalho sobre a língua koreanak... eles não falam mais... é uma língua difícilima.....

Entrevistador 1:... agora isso é um assunto delicado, mas por exemplo... a partir do momento que você escreveu esses trabalhos, você confirmou uma cultura pomerana... isso é um fato né? quando você cria o dicionário, cria... pra nós de fora... você cria um imaginário pomerano e aí... pessoas de Iguazu ou se Santa Teresa... pessoas que já tinha começado o caminho de perder essa característica pomerana voltaram pra ser reinserir na comunidade. Existe isso?

Entrevistado 1: Existe sim... há pessoas que... ela já tinha na verdade... se ela ia diferente dos outros... do alemão... e vem alguém e reafirma isso, por exemplo, eu fui lá no Rio Grande do Sul e tinha um vovô... de uns sei lá quantos anos... aí eu demonstrei no quadro a questão da língua pomerana... puxa vida... 'eu já tenho tantos anos de vida... e a vida toda nós fomos enganados... dizendo que a nossa língua é um dialeto... é uma coisa marginal e agora vem uma pessoa do nosso povo e diz isso, isso é tão bom ouvir isso'... ele falou... aí... eh... isso tem né... mas eu acredito que isso seja uma reafirmação, porque a pessoa já cresceu ali junto... é diferente daquela pessoa, por exemplo é feio falar nomes... mas aquela Patrícia (inint 1:47:23) ela não fala pomerano, viveu a vida toda na cidade... e de repente vê lá... ela casa de preto... em pleno século XXI... mas ela queria chamar mídia.. se casa se preto... fez um vestido preto super decotado... muito moderno...

Entrevistada 2: mas ela teve o sucesso que teve...

Entrevistado 1: é isso ela teve... enfim... eu não sei como ela.. eka conseguiu fazer barulho... mas ela não sabe o que que é ser pomerana...

Entrevistador 1: ela não saliva quando falam de brote com banha, né? ha-ha-ha

Entrevistado 1: ha-ha-ha a topicalização dela... é coisa do português... ela não pensa pomerano... agora, ela conseguiu no âmbito político criar um lugar dos povos pomeranos dentro dos povos tradicionais do Brasil

Entrevistador 1: o que de certa forma foi bom

Entrevistado 1: aí eu tiro o chapéu pra ela... já que ces tão falando do brote... eh... ... comida pomerana né?

Entrevistador 1: que coisa linda

Entrevistado 1: isso aqui a minha irmã faz...

Entrevistador 1: isso é o que?

Entrevistado 1: esse aqui é o brote e seria... o aportuguesamento de broude...

Entrevistador 1: a gente chegou a ouvir brô...

Entrevistado 1: brô também... mais pra terra quente

Entrevistador 1: a gente ouviu em Laranja da Terra...a Simone

Entrevistado 1: eu já falei pra ela... porque broude é um termo que existe até (inint 01:50: 28) os antigos holandeses... eles chamavam de broude.. que é a mesma palavra do pomerano... mas os nacionais ali entenderam brote... tudo você coloca um –e ... esse aqui é o brote...

Entrevistador 1: isso é o que?

Entrevistado 1: sopa de batatinha... tá vendo como o caldo é ralinho...

[interrupção 1:52: 43]

Entrevistador 1: é aipim?

Entrevistado 1: aipim socada... tem um lugar aqui pra cima... chamado minas (inint 1:53: 18)... estrada de minas

Entrevistador 1: que é o original daquela (inint 1:53: 26)?

Entrevistado 1: isso e também tem minas (inint 1:53: 30) que é o capim meloso... capim gordura

Entrevistador 1: e por que?

Entrevistado 1: porque ninguém (inint 1:53: 40)... existe uma... eu tava brincando ... que eu dei aula sobre estereótipos... eu falei que tem um estereótipo antigo porque aqui teve litígio entre duas classes contra aimorés... o aimoré, mutum já foi dos dois... aí sabe qual é fama do mineiro ali.. o mineiro fica atrás do toco... armado pra matar alguém... porque aconteceu isso...

Entrevistador 1: mas vocês tem um contato forte com os mineiros através das tropas né? porque o pomerano não vai ter essa tradição forte de descer com o café...

Entrevistado 1: não... as tropas passavam...

Entrevistador 1: então quer dizer... o mineiro vai passar por aqui o tempo todo... dormir naquele quarto extra que a família tem...

Entrevistador 2: dependendo do tropeiro nem isso...

Entrevistado 1: eu acredito que tropeiro não passava nas casas, não... ele passa dentro de Santa Leopoldina lá tinha o comércio... porque o cara talvez do comércio já comprava o café do pomerano...

Entrevistador 1: mas daqui até Santa Leopoldina, como ia?

Entrevistado 1: ia com tropa...

Entrevistador 1: então era talvez algum ou outro mineiro radicado aqui... que tinha funcionários pra cuidar dos animais pomeranos... mas que acaba tendo esse relacionamento

Entrevistado 1: esse aqui é sopa de (inint 1:56:15), conhece?

Entrevistador 1: não

Entrevistado 1: não conhece? é o seguinte...

Entrevistador 1: isso é doce?

Entrevistado 1: aham... colhe-se o pêssego de vez, ele é secado ao forno... torna-se pêssego passa

Entrevistador 1: sem o caroço?

Entrevistado 1: com caroço... pode ser pessego, pode ser ameixa... qualquer fruta que você conseguir... em Rondônia passa uma semana, mas sem passar pelo processo da... da desidratação... então aí ela é feita um calda primeiro, antes colocar ela aqui... aí ce faz esse bolinho de trigo, que é (inint 1:57:41) aí no fundo você põe açúcar mascavo no fundo da panela pra (inint 1:57:47)... pode ser o branco também, mas tem que ter a cor... aí ce faz isso coloca...deixa derreter e põe água, deixa ferver e aí vai pundo o (inint 1:58:26) e vai colocando o pêssego também junto...

Entrevistador 1: farinha com trigo e o que?

Entrevistado 1: ovos... só...

Entrevistador 1: aí quando coloca o pêssego no forno coloca alguma coisa?

Entrevistado 1: só o pêssego

Entrevistador 1: com casca ou sem casca?

Entrevistado 1: com casca

Entrevistador 1: a semente vai no meio...

Entrevistado 1: vai

Entrevistador 1: isso é o quê?

Entrevistado 1: anis estrelado... só ora dar um gostinho... pode por se quiser... aqui é o arroz doce...

Entrevistador 1: pois é, esse arroz doce é diferente...

Entrevistado 1: é porque tem dois arroz... tem o (inint 1:59:55) e tem o (inint 1:59:56)

Entrevistado 2: porque tem a sopa bem mais líquida, né... e tem a sobremesa... mais consistente.

Entrevistado 1: tem o arroz doce que é mais durinho... então, olha bem (inint 2:00:50) ele tem mais leite, ele é mais aquoso... e o (inint 2:00:56) mais consistente...

Entrevistado 2: o que vai diferencia é a quantidade de leite...

Entrevistador 1: é ponto né...

Entrevistado 1: isso é coisa de domingo... isso é abóbora normal...pomerano gosta de tudo que é tropical... em Rondônia cheguei numa família... e Rondônia o mínimo que o ce anda é 80 km pra chegar numa família...quando cheguei lá eu ia dormir naquela noite e tudo mais.. e mostraram todo paiol e tal... então eu era visto como pessoa letrada... então a mulher perguntou o que eu queria comer... aí eu falei abóbora (inint 2:02:09)

Entrevistador 1: ah....he-he-he

Entrevistado 1: eu quero abóbora...a mulher começou a rir... ‘não é possível que você veio da cidade pra comer abóbora’

Entrevistador 1: mas abóbora é feita como? refogada?

Entrevistado 2: refogada... em forma de purê à vezes a gente faz

Entrevistador 1: tudo de bom...

Entrevistado 1: salada mesmo.. só cozinha em água e sal e depois come... ... (inint 2:02:59)

Entrevistador 1: essa linguiça a gente levantou uma coisa que até queria ve com ces... porque parece que por exemplo tá tendo uma proibição se a carne não tiver...

Entrevistado 1: certificada...

Entrevistador 1: é. e aí isso tá atrapalhando os pomeranos?

Entrevistado 1: tudo tá atrapalhando os pomeranos... ultimamente o que se faz...

Entrevistador 1: pois é... olha só: a instituição IPHAN pensando os métodos que eles têm pra fazer a salvaguarda... por exemplo, no queijo minas foi feito o registro do queijo mineiro... canastra, serra do salitre e um do serro... aí o que acontece... tava dando um problema super sério... porque a vigilância sanitária tava chegando nas cooperativas e na casa dos fazendeiros e falando 'isso não pode isso, porque não ferveu o queijo, não ferveu o leite e não sei que' (acha graça) meu amigo, queijo é o leite da vaca com o coalho e ele seca e vira queijo curado... como assim eu vou ferver o leite?.. aí o ministério público começou a proibir a venda do queijo... que era uma tradição secular... isso assim, foi uma coisa política... o sistema cooperativista entrou no processo pra brigar com a vigilância sanitária... aí foram na Europa pra ver como eles faziam queijo e voltaram com os olhos regalado porque a forma de higiene é diferente da nossa... aí que que conteceu... quando ce reunia o pessoal pra fazer o queijo, mesmo quando as pessoas faziam no quintal das casa era de luva... toquinha... prende os cabelos... e aí... foi nesse sentido, brigou bastante conseguiu colocar o IPHAN, registrou o queijo e agora todo mundo fala do queijo... antes você só conseguia comprar no Mercado Central... e a linguiça é misturada, né, carne de boi com carne de porco... o porco beleza ainda não deu problema... mas a carne de boi, você não pode matar o boi fazer a linguiça e vender... porque não tem certificado... e aí você começa a atrapalhar o pequeno produtor... e aí isso é uma coisa que o IPHAN pode fazer da mesma maneira ou colocar a linguiça, o (inint 2:06:37), né, como uma coisa da cultura pomerana ou colocar que eles são vendidos nas feiras e que tem que prestar atenção nisso porque existe e vou fazer essa ponte...

Entrevistado 3: mas eles continuam vendendo, né?

Entrevistado 2: poucos... muitos que fazem, tão fazendo só pra família, né... por exemplo tem o pessoal de Caramuru, que vende aqui na feira, conseguiram se estruturar e agora têm o selo... mas é um dos poucos empreendimentos que tem a supervisão da vigilância sanitária aqui em Santa Maria... podem vender só na cidade.. agora nós temos esse problema com os nossos empreendedores do circuito terras pomeranas que fazem biscoito, geleia e tal... nenhuma deles se adequou ainda às normas da vigilância aqui porque eles... as exigências são muito grandes e eles são todos descapitalizados... então como é que eles vão... então eles continuam fazendo...participam em feiras sabendo que pode aparcer alguém e tomar todo o produto deles... eles estão preparados dessa forma...

pode preparar, mas saiba que se aparecer fiscalização nessas feiras, né, em Vitória que a gente participa eles podem tomar todo o produto... eles tentam adequar, mas as regras

Entrevistador 1: pois é, mas você não vai adequar uma tradição cultural, entendeu? que há uma regra que não é pra ser adequada...

Entrevistado 2: pois é mas no caso da pessoa da língua de Caramuru

Entrevistador 1: ela conseguiu

Entrevistado 2: mas ela investiu muito

Entrevistador 1: e o pessoal que a gente viu de Laranja da Terra? eles não vão fazer isso e aliás um dos senhores que a gente entrevistou... falou pra gente, chateado... porque a gente perguntou onde que a gente conseguia comprar... 'ah não tem mais pra vender'... só faz pra consumo próprio... era uma coisa que poderia ser um elemento de apoio... porque você vai conseguir vender... divulgação, valorização da tradição... isso assim... eu vou colocar isso no 'projeto, mas é importante que a comunidade vá até o IPHAN e reclame isso 'olha aqui isso é patrimônio nosso, tá acontecendo isso, isso e isso... tá atrapalhando' que aí o IPHAN junto com as prefeituras das cidades que têm essa tradição pomerana vão reunir e vão discutir... aí ce consegue solucionar... porque passa a ser um problema político... porque ce tem que bater de frente...

Entrevistado 2: aqui é assim... a vigilância a faz tipo... vista grossa... mas em outro lugares não... então por isso que a gente prepara os nossos empreendedores...

Entrevistador 1: esqueci seu nome

Entrevistado 1: Gisla

Entrevistador 2: mas o que acontece, Gisla, é que não pode ser assim, que aqui ces tão contando com a boa vontade de alguém que teve alguma sensibilidade e tá fingindo que não tá vendo...só que isso não pode acontecer desse jeito... ele tem que simplesmente... nunca fazer isso... entendeu? e tem que ser uma coisa... 'aqui é assim que funciona e a carne vem do quintal' ... tem que ter isso... se não o dia que esse cara sai daqui, vem o outro pra cá que acha um absurdo e começa a restringir e não tá nem aí...

Entrevistado 2: sim... eu vou subir... vocês vão ficar aqui ainda, né?

Entrevistador 1: sim, vamo conversar mais um pouquinho

Entrevistado 1: tem esse aqui que é a banana... isso é comum no Brasil... banana passa também, né... era uma das poucas coisas antigamente que podia guardar né.. ... broto de banana... é o broto sem banana né... sem a banana é algo colocado aqui no meio da massa...

Entrevistador 1: e com fubá sempre?

Entrevistado 1: com fubá... porque o fubá... o trigo era caro e rara... não era só caro... não tinha trigo e plantar não dava... aí eu não sei porque o pomerano não fez pão de trigo: porque não tinha trigo ou porque não podia plantar...

Entrevistador 2: aqui não tem a tradição de plantar trigo... então eles tiveram que arrumar um substituto, no caso o milho

Entrevistado 1: na verdade, eu acho que o trigo não nasce aqui...

[trecho inint 2:13:19]

Entrevistador 1: quando a gente pergunta ‘ah o que vocês buscavam fora?’... ‘querosene e sal’... então trigo mesmo que ele tivesse à venda ele não ia pra casa...

Entrevistado 1: ele só vinha no natal e páscoa... porque é caro e raro... e alguns ficavam sem... porque vinha o trigo de Vitória, passando por Leopoldina...

Entrevistador 1: subia vendendo né?

Entrevistado 1: é... e aí não dava pra todo mundo

Entrevistador 1: isso é bolinho de chuva?

Entrevistado 1: é... tipo bolino de chuva

Entrevistador 1:mas esse é feito com trigo?

Entrevistado 1: com trigo... hoje em dia não tem mais problema... agora o pão pomerano ele é feito só de fubá de moinha de roda d’água

Entrevistador 1: tanto o normal quanto o branco?

Entrevistado 1: é.. e aí a liga que é o cará ou o (inint 2:14:42) ce rala no meio joga lá no meio... fica pastoso... aí põe água quente, né... aí vai misturando e o que dava a liga... eles tentaram no começo fazer só com mandioca, porque não conheciam cará...

Entrevistador 1: a mandioca não dá liga

Entrevistado 1: não dá... aí se deram mal no começo né...

Entrevistador 1: por isso que quase ninguém usa mandioca no brote...

Entrevistado 1: mandioca não é pra usar...

Entrevistador 1: algumas pessoas cozinham a massa e põe no meio...

Entrevistado 1: mas é pouco porque ela não dá liga...

Entrevistado 1: então tubérculos, menos mandioca: cará, inhame e batata doce... e aí se você quiser fazer o pão de banana é só acrescentar a banana na liga junto... e aí ele vai... aí tem o... acho que em Minas vocês conhecem o fermento caseiro?

Entrevistador 1: o pessoal falou dele com a gente...

Entrevistado 1: é feito de fubá também... aí você deixa ele no canto... vai só acrescentando aí o pão custa a crescer...

Entrevistador 1: porque o fubá não tem um bom crescimento... tanto que o bolo de fubá é menorzinho...

Entrevistado 1: pois é... esse pão tinha ele o dia todo... então tem pessoas que dizem 'eu cresci comendo pão de milho'... então ficou a marca também... o pão de milho... então foi esse negócio que ce falou, né... de desse reavivamento teve um jornal alemão que falou assim que o pomerano está na renascença.

Entrevistador 1: e lá na Europa como que tá?

Entrevistado 1: uma língua moribunda

Entrevistador 1: não tem (inint 2:16 :45)

Entrevistado 1: não, não... ce só pode pensar assim, oh... a qui tá a Europa... a região da Pomerânia... essa região aqui ficou pra Alemanha e essa região aqui ficou pra Polônia... dois milhões de pomeranos foram expulso... eles tiveram que se alojar aqui na Alemanha, que pe hoje Alemanha, ... e essa área foi repovoada com poloneses e ucranianos...

Entrevistador 1: e esse pedaço?

Entrevistado 1: esse pedaço tem pomeranos sim

Entrevistado 1: mas eles falam ou não?

Entrevistado 1: pois é... esse pedaço aqui misturou com outros povos que não eram pomeranos... resultado é que... como eles migraram não em grupos, mas em indivíduos... porque morreu muita gente... a língua não foi passada pras crianças... logo, a língua tá praticamente morta

Entrevistador 1: agora, engraçado que eles chamam de pomerano é oriental? os que vieram pra cá vieram da Pomerania oriental... então teoricamente seria o lado de lá... então o local de onde saíram os pomeranos não existem mais porque se você tiver um comparativo ele tá do lado de cá

Entrevistado 1: ele não existe como unidade geográfica... a terra tá lá

Entrevistador 1: mas tem outro povo em cima dela... tomaram tudo... (inint 2:18:40)

Entrevistado 1: e aí o cemitério você ia falar...

Entrevistador 1: ah, foram todos quebrados...

Entrevistador 2: você não encontra mais com as lápides características...

Entrevistador 1: lá não sobrou nada... isso aqui é pão farofa...

Entrevistador 1: como que é isso?

Entrevistado 1: é o pão doce e ele é meio seco como um bolo, não cresce muito, e em cima de tudo ele recebe uma camada assim... de trigo misturado com manteiga... esse

aqui é o biscoito de polvilho... normal por aí... muitas coisas eles aprenderam aqui... polvilho não tem nada... isso aqui é... não nem bolo nem pão... na verdade é um biscoito

Entrevistador 1: esse é aquele que a gente comeu ... de goiaba?

Entrevistado 1: é... é um biscoito que às vezes o pomerano chama de bolo... isso não pode ser bolo... a massa dele é de biscoito e ele chama em português ladrão porque parece uma cadeia... as grades da cadeia... os italianos de Santa Teresa estão se apoderando da receita e colocando outros nomes

Entrevistador 1: em Vitória tem as sacoleiras de biscoito... eu adorava comprar isso...

Entrevistado 1: aí eles colocam o nome em italiano... em vez de colocar no pomerano... eles chamam de tedesca... de quem é? aí ninguém sabe... por isso que eu to falando, a gente fica de olho... a gente não consegue proibir as pessoas...

Entrevistador 1: tem algum relato antigo de se fazer? porque a gente pode fazer a salva guarda...

Entrevistado 1: não

Entrevistador 1: o de salva guarda seria o brote... porque até então eu achava que era italiano.

Entrevistador 1: pois é só que a gente tem que analisar... uma coisa é... a culinária de modo geral eu vou mencionar, mas uma coisa que a gente percebeu... não tem (inint 2:22:12) de comida pomerana...

Entrevistador 1: é... nem nas festas pomeranas têm...

Entrevistado 1: aí fica difícil de competir né...

Entrevistador 1: política, dinheiro... não coaduna com cultura... as pessoas são lá pomeranas, mas chega na hora... .. eh... nós estamos com problemas gravíssimos aqui no município com um certo secretário... que ele chegou na primeira reunião dele e e 'oh, estamos no Brasil (inint 2:22:50)'

Entrevistado 1: ô meu deus

Entrevistador 1: ele deu um recado pra aqueles que defendem... e a língua pomerana, ela é língua co-oficial aqui...

Entrevistado 1: você faz festa bilíngue, né?

Entrevistador 1: tudo! escola... eh... casamento... vem uma pessoa, assume um cargo desse e fala

Entrevistado 1: mas aí é agricultura

Entrevistador 1: aí eu não vou falar... não é bom falar... as coisas aqui tão muito fervendo... e as coisas são assim, você é secretário, você pega os quatro advogados... pra interrogar... da prefeitura e põe perto dele... tá inibindo quem defende a cultura pomerana... são doutores que foram pra fora e voltaram...

Entrevistador 1: a gente tá aqui pra dizer, já que ele tá falando que tá no Brasil, que a cultura pomerana ela vai ser brasileira também... o Brasil, o IPHAN tá dizendo que o pomerano é importante para o país.

Entrevistado 1: o cara me chamou de bairrista... não pode

Entrevistador 1: ai que difícil! que preguiça!

Entrevistado 1: é difícil... a lei de 2009 dispõe sobre cooficialização da língua pomerana no município de Santa Maria do Jetibá, no estado do ES... e são todos municipais

Entrevistador 1: quais os municípios que tem?

Entrevistado 1: você pode ver naquele artigo... Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins... Laranja da Terra, (inint 2:25:13) e Vila Pavão

Entrevistador 1: e como é que funciona? nessas cidades tá tendo aula de pomerano nas escolas?

Entrevistado 1: municípios

Entrevistador 1: aham

Entrevistado 1: eh...

Entrevistador 1: e aí fora disso não tem?

Entrevistado 1: não tem... mas não são todas as escolas dos municípios que têm aula de pomerano...

Entrevistador 1: isso que eu tava conversando com a Simone, que deveria dar aula de pomerano nas escolas da cidade... mesmo que não fosse das comunidades pomeranas... porque aí você começa a criar uma.. uma coisa de... uma relação maior entre as pessoas... mesmo alguém... eu não tenho a menor matriz pomerana, vim pra cá depois meus pais são portugueses, brasileiro, preto... aí né... sei lá azul, cor de rosa... mas aquela pessoa aprendeu pomerano na escola e vai encontra com um pomerano que é coleguinha dela... cresceu junto... 'ah, não a gente fala pomerano também'...

Entrevistado 1: que que tá acontecendo nas escolas eu fui uma das pessoas que ajudou a escrever o projeto... que virou programa em 2003 e em 2005 ele foi implementado... então qual o meu papel... de assessorar as professoras e as professoras foram das escolas municipais foram selecionadas... assim, quem quer vem... 3 grupos de professores que falam pomerano... então eu comecei há vários anos né... eu basicamente ensinei as professoras a escrever em pomerano... (inint 2:27:20) de como enfim.. fiz uma apostila e a maioria delas escreve bem e já ensina... só que essas aulas são mais ou menos duas aulas por semana só... e o resto tudo em português... a criança continua vindo pra escola... em casa fala pomerano, são bilíngues... quando chega nas escola ela tem aula de pomerano só que não tá fazendo efeito, porque o resto é tudo em português...que que a criança faz... ela decide falar português... mesmo em casa... porque esse projeto tá sendo mal feito e eu não posso porque eu não sou efetivo... a força que eu tenho... esse ano eu não fui contratado para dirigir isso aí (inint 2:38:33) então vou esperar fazer licitação...

Entrevistador 1: entendi... notório saber... não faz licitação...

Entrevistado 1: aí são quatro advogado pra dizer pra mim isso aí que todo mundo sabe... mas aí eu estou passando por uma situação vexamosa... de ter que implorar pra ter continuação disso

Entrevistador 1: isso é uma coisa que a gente vai ressaltar no projeto e eu sei que o IPHAN tá criando um departamento pra estudar as línguas no âmbito nacional... só que como tudo no IPHAN é lento... então daqui 5 anos o departamento tá pronto

Entrevistado 1: por que não registra no livro de registros de língua do Brasil?

Entrevistador 1: então, eles estão criando o departamento dentro do IPHAN pra isso... ..

Entrevistado 1: aqui, no de 1981 um casal de pomeranos foram presos porque na hora do depoimento eles não sabiam falar português... o juiz prendeu... aí saiu a charge aqui...

Entrevistador 1: que absurdo!

Entrevistado 1: charge publicada no jornal A Gazeta Vitória (inint 2:34:40) e aí não tinha nem escola... e pro pomerano foi o fim do mundo... porque mexe muito com a questão da ética... isso aqui é um curso que eu dei em Rondônia em 2003 um professor já escrevendo cinta larga lá em Rondônia... porque esse negócio das línguas, eu gostaria de colocar o cinta larga, porque eu estudei o cinta larga...

Entrevistador 1: que legal...

Entrevistado 1: mas então eu falei vamos fazer uma experiecia de alfabetização em pomerano... ‘tem que reunir com o conselho’... já colocou impedimento...

Entrevistador 1: os meninos são bilíngues mesmo...

Entrevistado 1: o bilinguismo diz o seguinte: se um convive com o outro de origem pomerana... ele vai aprender junto ele vai falar... .. as pessoas falam que o pomerano é muito fechado aí eu falo assim olha aqui essa palavra do pomerano (inint 3:00:14) que é o capim sedoso dá pra ver que não pomerano... e porque teve contato ele não é isolado... (inint 3:4:29) é carne seca é um empréstimo do português da época... que é um empréstimo da capoeira... que na Pomerania não tinha capoeira...

Entrevistador 1: ouvindo duas pessoas conversarem em pomerano elas colocam ‘nossa senhora’ e ‘né’ o tempo todo

Entrevistado 1: toda língua toma emprestado o tempo todo... e aí como a gente vai fazer pra tarde? ces querem ir, não querem?

Entrevistador 1: a gente quer ir lá...

Entrevistado 1: eu só tenho que dar aula seis horas... então que horário seria bom a gente tá lá pra ficar tranquilo?

Entrevistador 1: uai a gente vai almoçar e podemos encontrar logo em seguida